

Para uma educação que aceite e respeite as diferenças

Neste número da revista *Polyphonia*, dedicado ao tema da diversidade, é importante dirigir a atenção para a questão da diversidade sexual e de gênero, cuja discussão precisa ser cada vez mais ampliada, na escola e fora dela. Para contribuir com o tema, convidamos os professores Luiz Mello, Camilo Braz e Eliane Gonçalves, do Ser-Tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (www.sertao.ufg.br), da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG), para uma entrevista com o professor Newton Freire Murce Filho, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG). Luiz Mello é Professor Associado II, da área de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais (UFG), e pesquisador do Ser-Tão (luizman@gmail.com). Camilo Braz é Professor Adjunto II, da área de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais (UFG), docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e pesquisador do Ser-Tão (camilobraz@gmail.com). Eliane Gonçalves é Professora Adjunta II, da área de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais (UFG), e pesquisadora do Ser-Tão. É cofundadora e colaboradora permanente do Grupo Transas do Corpo, desde 1987 (elianego@uol.com.br).

Ser-Tão é um Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade que tem como objetivo a produção e a divulgação de conhecimentos voltados à promoção da equidade de gêneros e à garantia de direitos sexuais. Criado em 2006, é vinculado à Faculdade de Ciências Sociais da UFG e composto por professores/as, estudantes e pesquisadores/as interessados nas áreas de gênero e sexualidade. Os integrantes do núcleo desenvolvem pesquisas, organizam grupos de estudos, promovem cursos de extensão, seminários e reuniões com pesquisadores e formuladores de políticas públicas.

Na entrevista, realizada por e-mail em setembro de 2012, os professores dão valiosos depoimentos sobre a questão da diversidade sexual e de gênero, particularmente no que diz respeito ao universo da educação, de um modo geral, e à escola, propriamente dita. Trata-se de uma importante contribuição para a revista.

O que motivou a criação do Núcleo Ser-Tão? Quais os sentidos que determinaram a escolha desse nome? A palavra “tão” teria alguma ligação com o sentido de “tantos, múltiplos, vários, diversos”, e daí poderia ser feita uma relação com o tema “diversidade”?

Luiz Mello

Antes de tudo, Ser-Tão remete à noção de sertão geográfico, interioridade, distância em relação aos grandes centros hegemônicos. Também nos reporta à idéia de intensidade, que decorre do advérbio “tão” – tão bonito, intenso, diferente, exótico, feminino, andrógino ou qualquer outro adjetivo que nos venha à cabeça. Por outro lado, tem relação com os sentidos associados à expressão “diversidade”, como você bem destaca. Mas a melhor descrição de Ser-Tão é aquela já consagrada genialmente, em 1956, por Guimarães Rosa, com a publicação de *Grande sertão: veredas*: “Sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar”.

O que motivou a criação do Núcleo foi o desejo de um grupo de alunas/os e professoras/s de promover atividades de ensino, pesquisa e extensão no âmbito das questões teóricas, metodológicas e políticas relativas aos estudos sobre gênero e sexualidade, e suas intersecções com outros atributos identitários potencialmente estigmatizantes, como raça/etnia, geração, classe, nível de escolaridade, local de moradia, entre outros.

Vocês consideram que seja importante promover orientação e discussões junto aos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio sobre a questão da equidade de gêneros e garantia de direitos sexuais? Caso positivo, a partir de quando? Logo na primeira fase (do 1º ao 5º ano) ou a partir da segunda fase (do 6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental? Acham que isso tem sido feito?

Eliane Gonçalves

A igualdade deveria ser o princípio norteador da educação em qualquer nível. Assim sendo, não haveria o “quando começar”, pois ela estaria no centro das preocupações com os conteúdos e no planejamento das atividades rotineiras da escola. Isso significa que não ensinamos sobre igualdade ou desigualdade apenas em nossos discursos, mas em toda forma de organizar a escola tanto estética quanto eticamente: a distribuição dos espaços; a escolha das cores, dos brinquedos, dos livros literários etc.; a separação das turmas, a organização das filas, a distribuição de tarefas, enfim, tudo o que

exige um posicionamento da equipe ao se perguntar: “esta atitude reforça o sexismo ou emancipa para a igualdade de gênero?” Então, a escola ensinaria a meninos e meninas algo que ela pratica por inteiro, oferecendo exemplos cotidianos e consequentes. As discussões seriam apenas o coroamento de um exercício que inspira e produz o questionamento, algo que traria inclusive as famílias para o contato direto com aquilo que as crianças e os adolescentes vivenciam. Pensando exclusivamente a partir da ótica do que ensinar, já há bons livros e bons filmes que estimulam o pensar e o agir não sexista, mas o que apresenta mais chances de funcionar bem pedagogicamente falando é aproveitar as experiências das próprias crianças, de suas histórias de vida e das relações que se desenvolvem na própria escola.

Considerando o problema do bullying, que é frequente no ambiente escolar, e que muitas vítimas o sofrem por homofobia, isto é, porque revelam corporalmente ou no comportamento traços que os vinculariam a uma imagem distante de uma orientação sexual heterossexual, como vocês avaliam esse tipo de bullying e que sugestões fariam para um tratamento desse problema na Educação Básica?

Camilo Braz

Esse é um assunto bastante complexo e sério, que exige reflexão e engajamento a partir de várias áreas do conhecimento para que seja compreendido e enfrentado. O tema do *bullying* inclui uma gama variada de comportamentos relacionados à intolerância, ao preconceito ou à violência – física ou simbólica, o que reflete a própria complexidade do ambiente escolar, em seus múltiplos sujeitos e práticas. No que tange especificamente à homofobia, uma das principais contribuições da Antropologia e da Sociologia tem sido a desconstrução de estereótipos e lugares comuns relacionados à homossexualidade, mostrando como a sexualidade, em todas as suas formas ou expressões, é uma construção social, que varia historicamente e também de acordo com as culturas. Nesse sentido, as ciências sociais oferecem ferramentas para um ensino mais plural e comprometido com a diminuição de comportamentos homofóbicos na escola. O interessante seria, então, que esses conhecimentos acumulados a respeito da diversidade sexual fizessem parte efetiva dos currículos e projetos pedagógicos. Era essa uma das propostas do chamado “kit contra a homofobia” nas escolas de ensino médio, que era parte das estratégias propostas desde o projeto Escola Sem Homofobia, de 2004. Infelizmente, sua implementação foi barrada

pelo atual governo federal. Perdeu-se, assim, a possibilidade de implementar efetivamente uma das políticas públicas voltadas para a cidadania LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) – nesse caso, a que era voltada para a diminuição da homofobia nas escolas, dando subsídios aos docentes dispostos a combatê-la.

Recentemente, o Cepae promoveu uma ampla discussão entre seus professores sobre o namoro na escola, focalizando principalmente a questão do que poderia ou não ser permitido em termos de comportamento, por exemplo: pode-se beijar? Pode-se trocar carinho? Que tipo de carinho é permitido? Deve haver algum tipo de diferença de tratamento entre namoro heterossexual ou homossexual? etc. Ao final das discussões, foi decidido, por votação, que o namoro seria permitido na escola, porém, sem excessos de manifestações de carinho. O que acham sobre esse tipo de discussão na escola e sobre essa decisão tomada pelo Cepae?

Luiz Mello

Essa discussão na escola e na sociedade em geral é fundamental. Não dá para ignorar que o namoro faz parte da vida de adolescentes e que se trata de uma das experiências fundamentais na construção de nossa subjetividade. Ao mesmo tempo, não transformar a demonstração de carinho entre adolescentes em tabu também parece muito importante. Com isso, contribuimos para que a escola seja um espaço onde todas/os possam aprender química, sociologia e matemática, entre outros conteúdos estritamente acadêmicos, mas também a lidar com os próprios sentimentos e os de outras pessoas, a integrar as dimensões afetiva, racional e lúdica da experiência humana e, principalmente, a respeitar diferenças entre as pessoas.

Em 2011, o núcleo Ser-Tão promoveu uma campanha na UFG contra a homofobia. Na ocasião, um cartaz com a frase “UFG SEM HOMOFOBIA” foi distribuído pelas diversas unidades da instituição. Gostaria de saber como vocês avaliam o modo como essa campanha foi recebida pelos estudantes, professores e visitantes da UFG e se pretendem fazer outras campanhas parecidas.

Luiz Mello

A campanha “UFG sem Homofobia” foi desenvolvida pelo Ser-Tão em parceria com outros núcleos ou grupos da UFG que, de alguma forma,

atuam no campo da sexualidade, do gênero ou dos direitos humanos. Ela foi em geral bem recebida por estudantes e professores. Durante a reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), ocorrida na UFG em julho de 2011, uma tenda foi montada a fim de promover debates sobre a questão, ocasião em que visitantes também puderam prestigiar e conversar sobre essa iniciativa. Acredito que a campanha serviu, antes de tudo, para que se aprofundasse o debate acerca da necessidade de se coibir comportamentos homofóbicos na universidade. Nossa expectativa é a de que outros núcleos, grupos ou sujeitos, engajados na luta contra outras formas de discriminação, busquem elaborar campanhas similares a fim de que tenhamos um ambiente universitário cada vez mais plural e livre de preconceitos de toda ordem.

Ao longo dos seis anos de trabalho no núcleo Ser-Tão, vocês diriam que tem havido mudanças de atitudes em relação a uma diminuição do sexismo e da homofobia na sociedade em geral e nas escolas, em particular?

Camilo Braz

O Ser-Tão foi criado no final de 2006 e começou a atuar efetivamente no início de 2007. Se compararmos o contexto de sua criação com aquele do início da discussão acadêmica sobre questões relativas a gênero e/ou sexualidade no Brasil, que é de meados dos anos 1970, é inegável que houve avanços tanto no sentido de uma diminuição das desigualdades quanto de uma maior liberdade individual. A partir da atuação do movimento feminista, algumas conquistas foram efetivadas, como a aprovação de leis que punem a violência doméstica ou a maior participação das mulheres no mercado de trabalho. O movimento homossexual, que hoje é mais conhecido como LGBT, conseguiu capitanear certa visibilidade positiva em torno da homossexualidade – embora ainda hoje lute pela aprovação de leis que assegurem os direitos civis dessa população. Contudo, se há mudanças, é inegável que há permanências de muitas desigualdades no que tange ao gênero ou à sexualidade no Brasil. Temas como direito ao aborto ou casamento entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, são absolutamente controversos – e a atuação de parlamentares comprometidos com ideias religiosas e conservadoras impede que sejam abertamente discutidos e votados nas instâncias que poderiam deliberar acerca deles. E eu diria que, paradoxalmente, se pensamos no contexto de criação do Ser-

Tão em comparação com os dias atuais (ou seja, de meados de 2007 para cá), o que tem havido é um recrudescimento desses discursos homofóbicos e misóginos, inclusive com apoio governamental, lamentavelmente. A laicidade do Estado está bastante ameaçada no Brasil contemporâneo – e todo o movimento de criação de políticas públicas voltadas a uma maior equidade de gênero e à garantia da cidadania LGBT, que ganhou força no início da década, parece hoje fragilizado.

Com base nas pesquisas que vocês realizam e na experiência que têm com a questão da diversidade, acreditam numa relação direta, de causa e consequência, num futuro bem próximo, entre capacitação de professores, diminuição do sexismo e inclusão da diversidade sexual na escola? Ou se pode pensar que nenhuma capacitação funciona se cada professor não conhecer, aceitar, ter prazer com sua própria sexualidade, vivendo-a com plenitude?

Eliane Gonçalves

Indo por partes: sim, investir em capacitação – não qualquer uma, pois requer metodologia adequada – ajuda muito a mudar a realidade do sexismo na escola. O sexismo, o racismo e a homofobia são também frutos da ignorância que exacerbam intolerâncias e minam a convivência amistosa e respeitosa com as diferenças. Isso pode ser reduzido com práticas pedagógicas voltadas aos docentes e equipe mais ampliada, de modo a sensibilizá-los e, sobretudo, produzir neles e nelas efeitos subjetivantes, ou seja, capazes de provocar transformações intensas nos seus modos de pensar e agir. Quanto à segunda parte da pergunta, “o ter prazer com a própria sexualidade”, pode não ser um pré-requisito, mas vir a ser mais um dos resultados de tais investimentos, uma vez que a ideia de prazer não é unívoca e pode levar a equívocos de que a pessoa precisa estar engajada em uma relação, esta, por sua vez, deve estar 100% plena, ou seja, estaríamos chegando próximos a uma exigência inatingível e, sinceramente, bastante normativa. A ideia é construir práticas que levem ao bem-estar com o corpo e os prazeres, a leituras e compreensões diversas sobre corpos e prazeres. Isso pode contribuir para uma educação da aceitação e respeito às diferenças.

Pensando em uma comparação entre a escola há trinta ou quarenta anos atrás e a escola atualmente, considerando as leituras que vocês teriam sobre o

assunto e também suas próprias experiências como estudantes, na infância e na adolescência, o que diriam que mudou? E o que tende a mudar ainda mais nos próximos trinta anos? Podem dizer algo sobre o(s) modo(s) como as subjetividades eram constituídas naqueles anos e o(s) modo(s) como elas são constituídas na atualidade?

Camilo Braz

Quando eu estava na 7^a série e estudava em uma escola pública de uma cidade do interior de São Paulo, minha professora de ciências sentia-se absolutamente confortável e respaldada institucionalmente para dar uma aula explicando os motivos pelos quais a homossexualidade era um erro da natureza, um desvio, uma patologia, uma anormalidade. Eu gostaria de acreditar que hoje vivemos em um contexto onde não apenas os/as professores/as dispõem de recursos pessoais e intelectuais para não reproduzirem tais discursos em sala de aula, como institucionalmente seriam coibidos de fazê-lo. Infelizmente, quando assisti ao veto governamental de um projeto de maior fôlego, que pretendia começar a fornecer subsídios para uma atuação docente mais pluralista no que tange à sexualidade, fico imaginando se houve mesmo tantas mudanças assim.

Eliane Gonçalves

Estudei em escola pública a minha vida toda e elas são muito mais plurais do que as particulares. Vi e vivi coisas muito interessantes nos anos 1970, minha formação básica. Tudo o que aprendi sobre diferença veio por meio da experiência vivida, daquilo que, uma vez gerado, pode ou não ser aproveitado como evento para promover uma educação mais ampla. Tendo, nas últimas duas décadas, trabalhado intensamente com sexualidade, sendo parte desse trabalho com formação para professores/as, ainda considero este um segmento “conservador”. Digo isto com tranquilidade por ser eu própria uma professora, embora na universidade as coisas aconteçam de um modo particular. A escola, a pedagogia e toda a concepção de educação ainda repousam em ideias marcadas por forte hierarquização. As relações de poder são pouco trabalhadas, explicitadas ou contestadas. Os/as alunos/as percebem e sentem isso de modo agudo. É importante, como já disse anteriormente, que o ambiente proporcione abertura – não necessariamente “harmonia”, pois a existência de tensões pode e deve ser encarada de forma positiva – para que perguntas sejam feitas e discussões produtivas possam ocorrer o tempo todo, sem restrições e sem medo.

Luiz Mello

Quero ser otimista e acreditar que a escola hoje é mais pluralista e que cada vez mais será um espaço onde estudantes aprenderão a viver num mundo marcado pelo respeito à diversidade e pelo estímulo a que cada um desenvolva ao máximo suas habilidades e capacidades, ao mesmo tempo em que todos são acolhidos em suas singularidades pessoais. Todavia, não resta dúvida de que ainda temos um longo caminho pela frente, ao mesmo tempo em que fica cada vez mais patente que o lugar da escola como agente socializador está passando por um profundo processo de transformação. Isso porque outras instituições sociais também têm assumido protagonismo no processo de construção das subjetividades e das visões de mundo de crianças, adolescentes e adultos, com destaque para os meios de comunicação de massa, em especial a internet, os quais são hoje parte, inclusive, do ambiente escolar em sentidos estrito e ampliado. Em meu tempo de adolescente, não há dúvida de que tudo era diferente. E é muito bom saber que a roda gira.